

CINEMA E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA EXPERIÊNCIA COM O BASQUETE

CINEMA AND PHYSICAL EDUCATION: AN EXPERIENCE WITH BASKETBALL

CINEMA Y EDUCACIÓN FÍSICA: UNA EXPERIENCIA CON EL BASQUETE

Luciano Galvão Damasceno

luciano_gd@hotmail.com

Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)

PALAVRAS-CHAVE: *Cinema; Basquete; Ensino.*

INTRODUÇÃO

Esta exposição é sobre um conjunto de aulas realizadas com alunos do ensino fundamental cujo objetivo geral foi ensinar o Basquete com o cinema. Pretendíamos ampliar as possibilidades de conhecimento (NAPOLITANO, 2003) o que dificilmente ocorreria se adotássemos uma aula expositiva tradicional. O cinema além de usar a sensibilidade e conduzir a fruição, pode ser um recurso didático como meio para compreender a história (MELO *et al.*, 2013) e para ampliar as vias de contato com fenômenos multifacetados como o esporte. O filme selecionado foi Estrada para a glória¹ com o objetivo de relacionar os primórdios do desenvolvimento da modalidade com seus determinantes histórico-sociais. O caminho didático foi: a) conhecer os conhecimentos dos alunos sobre o basquete; b) expor o filme; c) praticar o basquete conforme as possibilidades de cada um; d) com base no item "c" retornar ao filme e relacionar com as possibilidades de aprendizagem nas aulas seguintes; e) valorizar outras formas de aprender o esporte.

¹ O título original é *Glory Road* baseado no livro homônimo de John Haskins e Daniel Wetzel, cuja a história demonstra como o racismo dominava a organização do basquete da National Collegiate Athletic Association (NCAA) dos EUA na década de 1960.



ESTRADA PARA A GLÓRIA E SUA FECUNDIDADE EDUCACIONAL

No filme notamos as questões racistas, mas também, as diferenças técnicas e táticas relacionadas à forma de jogar do basquete institucionalizado e a forma de jogar do basquete das ruas e quadras dos bairros. É notório que o basquete praticado pelo negro utiliza a tática e a técnica somadas à capacidade de improviso e às habilidades proporcionadas pelo jogo descomprometido das ruas e quadras, diferente do praticado por brancos e negros nos *colleges*. Vemos que além do racismo encarnado e escancarado, era dado ao negro certas capacidades e incapacidades como naturais, tais como, composição biológica excelente somada a uma instabilidade emocional prejudicial em momentos decisivos. Em conjunto com o racismo, estes elementos “justificavam” a formação de times titulares com no máximo três negros, o que foi subvertido pelo técnico Don Haskins.

Assistir ao filme fez os alunos encararem o basquete além do saber-jogar, pois notaram que a diferença entre brancos e negros nas suas capacidades de jogar, não era somente biológica e não estava somente na cor da pele, mas, sim, na forma como o basquete é jogado. No momento final do filme é notório como o jogador negro do time adversário jogava o basquete “fundamental” (disciplina, obediência técnica e tática e pouco drible) à moda dos brancos.

O que uma formação crítica pode causar nexos na prática da cultura corporal com base no filme? Por exemplo: na compreensão das possibilidades do basquete para além do que é institucionalizado e veiculado, e isto fez surgir movimentos que são rudimentares na história do basquete como a “lavadeira”, uma vez que eles passaram a usar movimentos em compasso com a lógica interna do esporte; alguns alunos inventaram jogadas e reproduziram os nomes dos jogadores conhecidos através do filme numa espécie de catarse; demonstrar que o basquete, e indiretamente, o esporte, possui história que inclui seu conteúdo e sua forma de jogar, que por ser uma manifestação cultural não está imune aos condicionantes sociais e, portanto, são potencialmente mutáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao relatar a experiência demonstro que a utilização de um tipo de conhecimento estético (cinema) gerou implicações à prática da cultura corporal, suscitando a necessidade de outros tipos de conhecimentos para se abarcar a complexidade. Assim, é preciso ir além da ideia do cinema na escola tratado como uma atividade complementar, o que implica um tratamento pedagógico e curricular, para se explorar suas potencialidades de fruição e produção (DANTAS JUNIOR, 2012; TINÔCO; ARAÚJO, 2017). No caso da EF é válido um alerta sobre a secundarização do componente curricular e seus conteúdos: é comum usar um filme para tratar de racismo cujo único nexos com a EF é o fato de haver prática esportiva.

REFERÊNCIAS

- DANTAS JUNIOR, H. S. Esporte e cinema: possibilidades pedagógicas para a educação física escolar. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 3, n. 2, p. 67-78, set. 2012.
- MELO, V. A. et al. Arte. In: MELO, V. A. et al. *Pesquisa história e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 128-146.
- NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.
- TINÔCO, R. G.; ARAÚJO, A. C. Cinema & Educação Física escolar: estado da (7ª) arte. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 20, n. 4, p. 835-852, out./dez. 2017.

